

fonte: NT class.: 126
 data: 15/5/95 pg.: 1A

O apartamento dando para o mar de Copacabana é, evidentemente, uma satisfação para este mineiro de Montes Claros; misto de casa e escritório, é completo, com fax, computadores, secretárias e contínuo. Tem salas apinhadas de livros. Belos móveis, lembranças, fotografias e retratos a óleo com a figura do dono da casa: uma morada de todo adequada para esta personagem de quem se pode dizer que não nasceu, mas foi fundada.

A entrevista tinha como razão de ser o lançamento amanhã, às 20 horas, no restaurante Nabuco (Praça Vilaboim, 49. Tel: 826-6959), de **O Povo Brasileiro: A**



ESTAVA NA UTI E ME DEU UMA AGONIA TERRÍVEL,

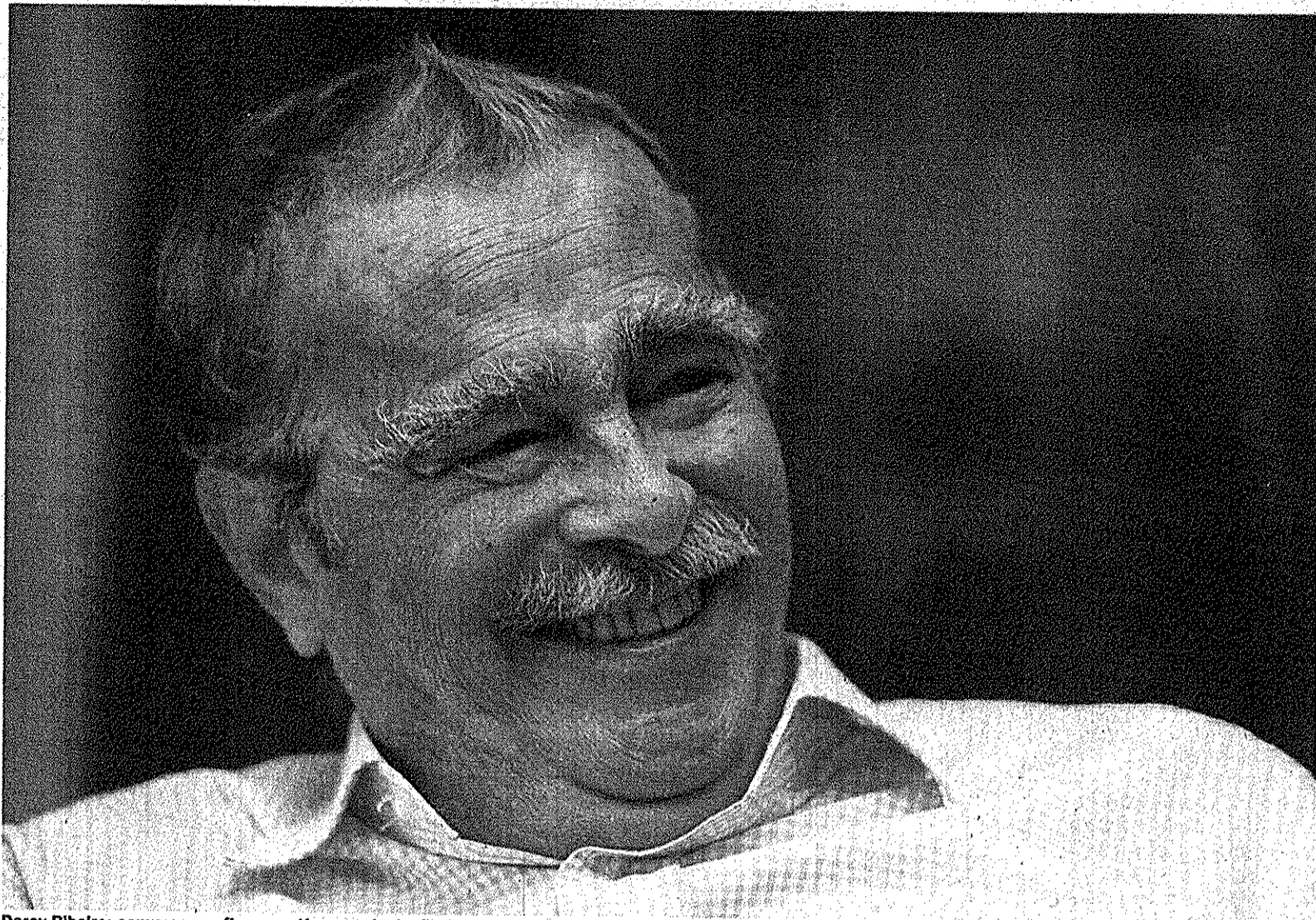
PRECISAVA FUGIR PORQUE AQUELE NEGÓCIO MATA A GENTE

Formação e o Sentido do Brasil, relato que se lê com fascínio, como se estivéssemos ouvindo um velho pagé contar aos moços os mitos da criação do mundo, finalmente agora conhecidos. Como obra de igreja, o livro levou trinta anos de construção. Poderia ter levado muito mais, não fosse a urgência do autor, que teve que fugir de uma UTI para terminar um livro que se compara a clássicos como **Raízes do Brasil**, de Sérgio Buarque de Holanda, **Casa Grande e Senzala**, de Gilberto Freyre, ou **Formação Econômica do Brasil**, de Celso Furtado — os clássicos em que o autor se mirou para produzir outro de igual porte.

O livro também é bom em outro sentido, já que, de uma certa forma, ajudou seu autor a ficar bom para escrevê-lo. Arrancou Darcy Ribeiro do hospital, deulhe forças para continuar — e até para fazer planos de longo prazo, como a publicação dos diários do então jovem antropólogo, feitos dia a dia durante uma década de viagens a pé por um Brasil então desconhecido, e hoje já acabado.

Driblar a morte, reconstruir o futuro, parece ser um mal de família. Evidentemente satisfeito com a peça pregada na indesejada das gentes, a primeira coisa que falou, antes mesmo de ligado o gravador e das fotos, foi sobre sua avó. A grande senhora passou semanas moribunda em seu casarão, enquanto os filhos conversavam com ela sobre a divisão dos bens, simplesmente porque não tinha forças para morrer. Para aflição da cidade, que na boca da noite fazia dobrar todos os sinos possíveis para ajudá-la a encontrar um bom caminho para o além. Graças ao povo duro do Jequitinhonha, Darcy Ribeiro está aí com uma história do Brasil que, de rara maneira, procura ver a evolução do País de dentro mesmo, tendo como condutora a gestação de um povo e uma civilização.

Por conta de sua situação, vaidade ou personalidade, Darcy Ribeiro não tem tempo para a lentidão do diálogo, paciência para a troca de argumentos. A única disciplina que cabe numa conversa com ele é a do jorro, o fluxo contínuo e continental de lembranças dos amores, dos trabalhos, os índios, os livros que lhe são caros. Há sempre muito que dizer, um fantasma na vida — e uma quantidade de lembranças do menino mineiro, estudante paulista, antropólogo amazônico, ministro brasileiro, emigrado uruguaio e



Darcy Ribeiro: conversa em fluxo contínuo, onde desfilam todos os temas mais preciosos.

UM BRASIL FASCINANTE, POR DARCY RIBEIRO.

SEU LIVRO O POVO BRASILEIRO, QUE SERÁ LANÇADO AMANHÃ, É O RESULTADO DE ANOTAÇÕES RECOLHIDAS DURANTE 30 ANOS E DA CORAGEM E DISPOSIÇÃO DE UM HOMEM QUE PREFERIU FUGIR DA UTI A DEIXAR INCOMPLETA A OBRA DE SUA VIDA, COMO RELATA NESTA ENTREVISTA. POR SÉRGIO GÓES DE PAULA E JORGE CALDEIRA.

européu, senador carioca, autor traduzido em todo o mundo.

Assim, o único espaço que cabe a quem por acaso deseja falar com ele hoje é o do ouvinte interessado. Resta amparar a conversa, aparar os detalhes, colher da fonte sem deixar derramar assunto fora com interrupções. A vantagem é que de sua boca sai de tudo, a palavra corre veloz entre países, pessoas, livros e brigas. Resulta um monólogo, mas um monólogo interessante porque Darcy Ribeiro, como os velhos marinheiros ou agricultores experientes, tem o que contar.

UTI

“Estava na UTI e me deu uma agonia terrível, precisava fugir porque aquele negócio mata a gente, aquele pessoal estava pronto para me ver morrer, gemendo, sofrendo, uma coisa horrível. Eu não sentia a catina dos que morriam ao meu lado, porque estava todo tapado, tubo no nariz, tubo na boca, tubo no cu, mais um tubo aqui, mais um tubo ali, amarrado, violento, brigando. Briguei com o médico e consegui sair da UTI, mas montaram aquela aparelhagem toda no quarto e eu brigando porque queria fugir dali para viver e para escrever o livro.”

Civilização do acaso

“Era possível a partir da indianidade, a partir da negritude e dos poucos europeus que chegavam aqui, criar uma civilização? Nunca houve essa intenção. Essa gente estava aqui para ser gasta, para produzir açúcar para adoçar a boca do europeu, para produzir ouro. Então gastaram-se seis milhões de índios e eu suponho que importaram e gastaram 12 milhões de negros, contando os que eram caçados lá, os que morreram na travessia, os que mor-

reram de tristeza, suicídio e banzo. É terrível o que aconteceu com os negros, os que chegaram eram metade dos que estavam apressados e desses os que sobreviviam eram poucos. O escravismo só foi possível com importação. É uma tremenda operação. Imagine se quiséssemos hoje caçar 100 milhões de pessoas num continente e levar para outro. Essa é a grande façanha do homem branco. Essa façanha descrita pelo próprio branco era chamada de europeização, civilização, cristianização. Ainda estão querendo cristianizar aquela negrada lá. Era de fato coletar o carvão que se queimava na produção e com um descaso total por essa população.”



EU TINHA UMA ANGÚSTIA ENORME DE PRODUZIR ESSE LIVRO.

ESTAVA ANGUSTIADÍSSIMO, COM UM SENTIMENTO DE CULPA POR NÃO TER PUBLICADO ANTES.

Imigrantes europeus e índios

“Há uma atitude burra, muito paulista e mais catarinense, do filho de imigrantes que acha que desenvolveu o Brasil. Essa gente veio no fundo de navio, numa miséria tremenda. É um gado humano que a Europa exportou porque era excedente de que não precisava. Chegaram e encontraram um país grande, independente. Chegaram no fim do século passado, é claro que deram uma contribuição muito grande à modernização do País e na substi-

tução da mão-de-obra escrava por uma mão-de-obra diferente. Mas o fato é que há uma atitude de soberbia desses europeus diante do faziendo do Brasil. Não valorizam em nada o fato de que os índios tivessem durante 10 mil anos convivido com essa natureza. O índio não chama nenhuma árvore de pé de pau, nenhum animal de bicho, está há dez mil anos aqui, conhece tudo. Graças a isso eles domaram mais de 100 espécimes, 60 árvores frutíferas, 40 produtos de roça, domesticaram no estado selvagem mandioca, milho, amendoim. Quando a gente pensa que o Brasil não domesticou nenhuma, que nós temos a flora mais rica do mundo e não domesticamos nenhuma, dá para ver a diferença. Há uma herança indígena que é a base de uma civilização tropical.”

A conquista e o casamento

“Os índios nunca foram vencidos e foram vencidos, o que é uma coisa contraditória, pelo seguinte: dez anos depois da conquista do México e do altiplano andino, acabaram os astecas e incas, porque o povo submetido aceitou o dominador. Aqui isto foi impossível, porque cada tribo é uma tribo e havia milhares. Até hoje os ianomamis são de 1500, estão vendo o europeu chegar agora. Então aqui, dado o atraso relativo da população indígena, foi possível impor o domínio, século após século, década após década, até hoje caçando e matando os índios. Mas simultaneamente com isso há uma convivência com o índio. O paulista se especializa em caçar índio para vender, mas graças à estrutura indígena, pelo cunhadismo, se casam com as índias e há uma multiplicação prodigiosa. Eu calculo que foram necessárias 200 mil indígenas para fazer o primeiro milhão de brasileiros, emprenhadas principalmente por portugueses e tendo filhos que não se identifica-

vam com a mãe, nem eram aceitos como iguais. É aquele negócio de ‘ninguendade’. Na realidade o menino parido pela índia, que chamamos de mameluco, não era índio e não era europeu, estava num vazio do ser, era um nada. A mesma coisa aconteceu com o negro. A negra paria um mulato e esse mulato não é africano, obviamente, também não é indígena, também não é português.”

A grande obra

“Fiquei 30 anos ensaiando para escrever **O Povo Brasileiro**. Minha agenda quando estava no hospital era deixar sem pai meus livros anteriores, porque eles foram feitos para me deixar pronto para fazer este. Então eu tinha uma angústia enorme de produzir esse livro. Estava angustiadíssimo, com um sentimento de culpa por não ter publicado antes. Tudo já estava feito, tinha que compendiar, tomei notas esses anos todos, sabia como era o livro, podia escrever o livro. Morrer sem escrever me dava uma angústia desgraçada. Uma das motivações da minha fuga está nesse absurdo de dizer que fugi do hospital para escrever um livro. Parece fútil. Mas a angústia da doença permitiu que eu pegasse todas as anotações de 30 anos, compendiasse tudo num texto que eu aceitei. Eu estava maduro para escrever, aprendi muita coisa nesses anos todos e pude compor um texto que tem 30 anos mais 40 dias. Agora estou satisfeito com o livro. Claro que num livro sempre se pode pôr a mão para mexer, mas acho que cheguei ao que eu queria, que era essa visão de corpo inteiro e essa assunção no Brasil como meu povo, essa compreensão mais profunda do papel do negro, do papel do índio, do papel do mameluco, do mulato. Fiz uma coisa no sentido genérico, que é o que eu pretendia. Com essa documentação toda que

eu tinha, podia fazer livro erudito. Mas queria um livro enxuto.”

Mulatos e mamelucos

“O mameluco foi muito mais importante do que o mulato. Por quê? Para cada quatro negros vinha uma negrinha. É claro que se multiplicavam em muitos mulatos, mas a mulataria é incomparavelmente menor. O nosso País é predominantemente moreno, o nosso fenótipo é predominantemente moreno porque muito mais índias foram emprenhadas do que negras. A negra era cara e rara. Mais tarde aumentaram mas, quando acabou o tráfico, por duas décadas a população negra foi diminuindo, porque o estoque era mantido com importação anual. Então a quantidade de negros no Brasil foi muito menor. Quem deu a forma do Brasil foi o índio, porque o índio tinha uma forma tropical que o europeu teve que adaptar. O negro não tinha nada, não podia usar aqui a técnica africana. Podia fazer as coisas escondido, como na célebre história da feijoada, porque o branco não queria comer o focinho do porco, o pé do porco, o rabo do porco. Os negros começam a sobreviver mais quando a igreja consegue que eles tenham o direito de trabalhar no domingo. O escravo não podia trabalhar no domingo, depois deram licença e eles saíram loucos de felicidade, foram plantar mandioca e milho para comer. Então puderam sobreviver pela licença que tiveram de não cumprir a ordem cristã.”

Câncer e liberdade

“Liberdade verbal é uma coisa muito importante. O primeiro câncer há 20 anos foi o que me deu força para escrever mais livros. Um romance carnal não se escreve com circunspeção. Quando você enfrenta a possibilidade de morrer, você se torna de certa forma mais soberbo ou mais humilde. Fui pelo segundo caminho. Não há nada que eu fale que um menino de dez anos não entenda. Os meus colegas antropólogos escrevem empolado e procuram empolar mais ain-



A LIBERDADE VERBAL É UMA COISA MUITO IMPORTANTE

O PRIMEIRO CÂNCER HÁ 20 ANOS FOI O QUE ME DEU FORÇA PARA MAIS LIVROS

da, os sociólogos também. Mas eu não tenho por que empolar. Realmente acho que pude escrever **Maira** e depois **O Mulo** porque não sou mais como era antes dessa experiência de conviver com minha própria morte.”

Educação índia

“Eu estava na aldeia e tinha um tipiti, que é um cesto em que se espreme mandioca brava e o que sai é ácido cianídrico, um veneno. Então tinha uma criança de dois anos, com a moizinha lá, ninguém ligava, mas eu logo gritei: ‘Menino, não toma isso’. A índia que estava com ele só me olhava sem entender. Na aldeia várias vezes eu me irritei porque debaixo de todas as redes tem um foguinho que eles acendem de madrugada, então fica sempre alguma brasa e andando por ali você se queima. Eu ficava sempre dizendo: ‘Olha esse menino, esse fogo’. Eles riam. Nós vivemos angustiados tomando conta das crianças, sem dar a elas as informações. Como o índio nunca é enganado, ele aceita toda informação como verdadeira. A mãe pode ter aproximado a mão dele do fogo e mostrado que o fogo queima, acabou, já sabe que queima.

O índio não tem essa angústia. As nossas crianças sofrem essa angústia, as mães não, com fiam neles: ‘Esse menino é capaz de tomar veneno, é capaz de queimar a mão’. Ficam permanentemente perseguindo.

Leia amanhã a continuação da entrevista de Darcy Ribeiro

Sérgio Góes de Paula é doutor em Economia, pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, e autor de vários livros, entre eles **Monarca da Fuzarca** (sobre aventuras amorosas de Dom Pedro II) e **E o Sertão de Todo Inapropriad-se à Vida**, sobre a seca e a morte no Nordeste.

Jorge Caldeira, sociólogo e jornalista, é autor do livro **Mauá, Empresário do Império**, recém-lançado pela Companhia das Letras, e de **Noel Rosa, de Costas para o Mar**.